

OS DATIVOS EM LUANDA (ANGOLA) E EM PIRANGA (MINAS GERAIS)

Norma da Silva Lopes¹
Constância Maria Borges de Souza²
Viviane S. Alvarenga³

RESUMO

Este texto explora o fenômeno da variação no uso de preposições em dativos, encontrado na fala de comunidades de algumas regiões brasileiras. Faz-se uma observação da referida variação em uma comunidade africana, Luanda, e estabelece-se uma comparação com uma comunidade de Minas Gerais, Piranga, buscando entender se o fenômeno variável em foco tem relação com a história de confronto do português com as línguas africanas. Os resultados indicam que em Piranga o dativo se expressa com preposição zero muito mais que em Luanda; e em Luanda o dativo se expressa mais com clíticos e com preposições, e muito menos com o apagamento da preposição. A observação feita nesses dados de Luanda parece enfraquecer a hipótese de que o fenômeno é resultante do contato entre o português e as línguas africanas que aqui chegaram.

Palavras-chave: Variação no uso de preposições em dativos; Português de Luanda; Português de Piranga/MG

ABSTRACT

This text explores the phenomenon of variation in the use of prepositions in datives, found in the speech communities of some Brazilian regions. It makes up a notice of such variation in an African community, Luanda, and sets up a comparison with a community of Minas Gerais, Piranga, seeking to understand if the phenomenon in focus is related to the Portuguese's confrontational history with African languages. The results indicate that the dative in Piranga preposition zero is expressed by much more than in Luanda; and Luanda the dative expresses itself more with clitics and prepositions, let alone with the deletion of the preposition. The observation made in these data Luanda seems to weaken the hypothesis that the phenomenon is the result of contact between the Portuguese and African languages who arrived here

Keywords: Variation in the use of prepositions in datives; Portuguese of Luanda; Portuguese of Piranga / MG

1 Professora pós-doutora em Letras, permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia/*Campus* I, Salvador. E-mail: nlopes58@gmail.com

2 Professora doutora do Colegiado de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia/*Campus* I, Salvador. E-mail: csouza@uneb.com

3 Concluinte do curso de Graduação em Licenciatura em Letras Língua Portuguesa do Colegiado de Letras Vernáculas da Universidade do Estado da Bahia/*Campus* I, Salvador. E-mail: alvarenga.viviane@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A ideia inicial da pesquisa surgiu da observação da fala de duas mulheres do interior mineiro. Foram observadas realizações como: ‘Dei ele a comida’, ‘Entreguei ela o pacote’. Diante disso, surgiu o interesse do estudo dessa variação em Minas Gerais, pesquisa realizada em Piranga, por Alvarenga (inédito); posteriormente, neste texto, buscou-se a comparação com dados de fala africana, com o *corpus* de Luanda (TEIXEIRA, s/d).

São objetivos do presente texto: (i) Mapear a variação do uso das preposições nos dativos em Luanda; (ii) Identificar condicionamentos linguísticos e sociais na escolha das variantes; (iii) Comparar os achados em Luanda com os resultados de Alvarenga (inédito) de Piranga/MG; (iv) Relacionar o fenômeno estudado à sócio-história do português brasileiro.

O FENOMENO EM VARIAÇÃO

No inglês, os dativos não são preposicionados, a exemplo de *We gave Mary a kiss*; no português a preposição é exigida e no uso corrente é muito rara a ocorrência de dativos sem preposição.

Segundo Rocha Lima (1976, p. 219), são características do complemento dativo: representar a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ela se realiza; ser introduzido pela preposição A ou PARA; - corresponder às formas pronominais **lhe**, **lhes**. Rocha Lima não prevê no português a realização de dativos não preposicionados.

Bagno (2011, p. 701) exemplifica o caso dativo com a utilização da preposição *para*: “Vivo escrevendo *para* Ana”. Referindo-se ao português brasileiro, diz: “Na língua corrente, o emprego do *lhe* dativo se atenuou, usando-se de preferência as expressões *a ele, para ele, a você, para você*”. Segundo o autor, seria uma “tendência analítica da língua”. (BAGNO, 2011, p. 765). O autor não faz qualquer referência ao dativo não preposicionado.

Lucchesi (2001) considera que a realização de dativos não preposicionados é um dos traços do português afro-brasileiro e, segundo esse linguista, esse fenômeno, comum também em várias línguas crioulas, seria resultante da situação de contato linguístico vivida pelos africanos escravizados no Brasil.

Cavalcante e Figueiredo (2009, p. 125-126), em um estudo dos complementos diretos e indiretos em atas do português escritos por africanos no Brasil no século XIX, observam nos dativos: “(i) realização lexical *versus* realização nula do dativo; (ii) presença *versus* ausência da preposição introdutora do dativo; (iii) tipo da preposição utilizada; (iv) produtividade da forma clítica”.

Na pesquisa referida, em apenas 23 dados encontrados, os dativos nulos ocorreram em 9 dos casos; em 9 ocorreu a preposição *a*; o restante se distribui de forma semelhante entre utilização das preposições *para* (1 dado), preposição *de* (2 dados) e o uso de clítico (1 dado); e há apagamento da preposição no dativo em 1 dado.

Barros (inédito) mostra que, em Helvécia⁴, a variante não preposicionada do dativo ocorre com uma frequência de 6%, quando considerados todos os casos de dativos realizados incluindo os nulos. Apresenta como exemplos de contextos de dativos na comunidade:

- a. ... deu Luísa iss'áí PÁ LUÍSA prantá.
- b. Ele vendia [ø] COMPADE JACÓ porco gordo.
- c. É... vinha dá [ø] ELE recado certim

Nascimento (2009) considera que a variação nos dativos, estudada por ele em Goiás, tenha sua origem na própria evolução do sistema português, desde fases arcaicas, não acredita, assim que o contato entre o português e as línguas africanas seja a explicação para o fenômeno.

Toma-se como hipótese neste texto que, se o apagamento das preposições nos dativos tiver explicação no contato com as línguas africanas e com a aquisição do português pelos afrodescendentes, a variante apagamento da preposição deve ser frequente em Luanda e, na comparação com Piranga, deverão ser ainda observadas marcas da relação com as línguas africanas.

4 “Ferreira (1994, p. 22) considerou a comunidade de Helvécia, no sul da Bahia, como um possível remanescente de um crioulo de substrato africano. A história da comunidade apresenta um dado curioso. Fazia parte da Colônia Leopoldina, que perdurou de 1818 até a abolição, um núcleo em que, em 1858, existiam ‘40 fazendas, 200 brancos (na maioria alemães, suíços, alguns franceses e brasileiros) e 2000 negros; os últimos, na maior parte, já nascidos na futura Helvécia.’” (LOPES, 2011, p. 11)

TEORIA E METODO

A pesquisa realizada utiliza os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008[1972]), que pressupõe uma relação estreita entre língua e sociedade, daí se entender que toda língua é variável. A variação, segundo a Sociolinguística, é sempre motivada e é resultante de questões relativas à estrutura linguística e à estrutura social. Cabe ao sociolinguista observar os fenômenos linguísticos em variação e identificar os grupos de fatores que promovem a escolha das variantes.

Apresenta-se, neste texto, uma análise de resultados da observação de entrevistas Informante/Documentador, gravadas em Luanda e posteriormente transcritas grafematicamente. A amostra de Luanda é constituída por 23 falantes, estratificados em gênero (masculino e feminino), idade (3 faixas etárias: 1: de 20 a 32 anos; 2: de 33 a 50 anos e 3, a partir de 52 anos) e escolaridade (dois grupos: fala popular ou fala culta, considerando anos de escolarização). Ainda foram levantados dados sobre a aquisição do português (se como primeira língua (L1) ou como segunda língua (L2).

Em Piranga foram 15 inquéritos analisados em Alvarenga (inédito). Neles, foram observados informantes de 15 a 95 anos de idade, dentre homens e mulheres sem escolaridade ou com, no máximo, seis anos de escolarização.

O FENOMENO E OS CORPORA

Para o presente estudo foram controlados dados de Luanda (Angola) e, para comparação, os de Piranga (Minas Gerais/Brasil), trabalhados por Alvarenga (inédito).

Do fenômeno que ora se estuda parte-se de exemplos encontrados nos dados de Luanda e de Piranga, considerados como contendo o mesmo valor de verdade:

São consideradas na pesquisa três variantes, assim como Nascimento (2009)

Dativo com preposição:

(1) Memo a pedir desculpa AO AMIGO (Luanda)

(2) e pegô essas vasiinha de prástico e deu PRÁ MARIA ... pá Maria (Piranga)

Sem preposição

(3) você primeiro tem que falar ainda [Ø] OS PAIS (Luanda)

(4) vô intregá [Ø] ELA o bolo (Piranga)

Com pronome átono (clítico)

(5) Quando ME dizem assim: já são 13 horas (Luanda)

(6) meu irmão ME ME ofereceu um um rancho véi dele (Luanda)

O *corpus* de Luanda (TEIXEIRA, s/d) é resultante do projeto financiado por FAPESB/UEFS e pela FAPESP. É necessário observar que não há o mesmo número de informantes em cada célula, por esse motivo esse estudo exige continuidade, com a observação de outros *corpora*, para que a análise chegue a conclusões mais consistentes, com um número maior de dados, número equilibrado de informantes por célula, o que poderá proporcionar uma análise estatística mais confiável.

SOBRE AS COMUNIDADES

Angola tem o português como língua oficial, mas 70% da população fala uma das línguas nativas como primeira ou segunda língua. As línguas principais faladas são: o umbundu, falado pelo grupo ovimbundu (parte central do país); o kikongo, falado pelos bakongo, ao norte; e o chokwe-lunda e o kioko-lunda, ambos ao nordeste; Há ainda o kimbundu, falado pelos *mbundos*, *mbakas*, *ndongos* e *mbondos*, grupos aparentados que ocupam parte do litoral, incluindo a capital Luanda. (CPLP, 2016)

Piranga é um município situado na Região da Zona da Mata mineira, com as seguintes características:

- 18 mil habitantes - predominância de jovens e adultos (IBGE, 2012);
- Atividades: agricultura e a prestação de serviços;

- População 70% na zona rural;
- Há grande influência da cultura africana na região;
- Total de 35 escolas. A maioria, de Ensino Fundamental.

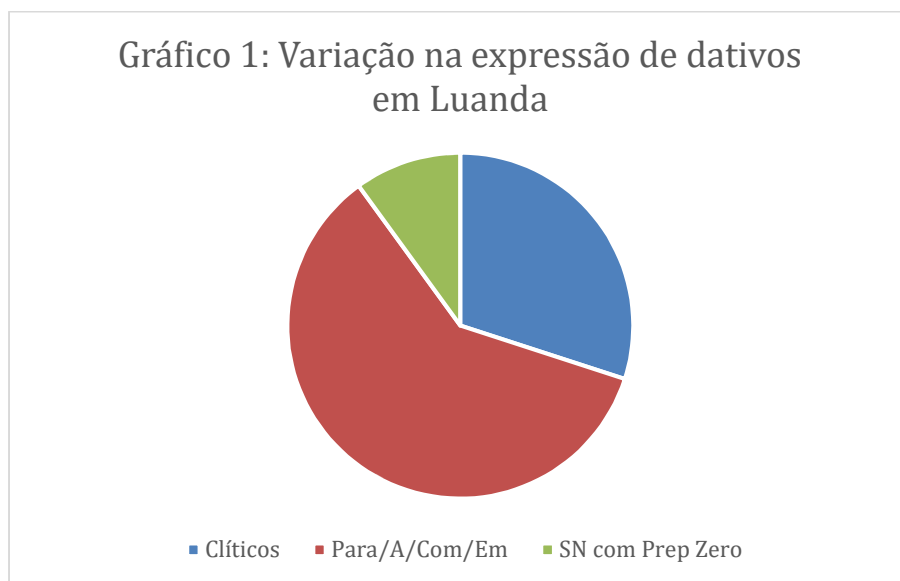
A história de Piranga pode ser inferida pelo trecho a seguir, que cita a presença de escravos na formação da comunidade.

“Chegando nestas paragens, com onze escravos da Guiné e mais sete peças de Carijós, com sua esposa (a Segunda) D. Maria Furquim, e com seu filho adotivo Feliciano, um mameluco que se tornou seu braço direito, estabeleceram-se na região do São Miguel, às margens do Rio Piranga, pouco abaixo do Arraial, uma fazenda e um engenho e, ali começou a sua base de operação e o início da fundação do Arraial. Foram construídas várias construções, uma grande fazenda com engenho de moenda, um canal de 4 a 5 alqueires, grandes roças de milho, e outros cereais, arvoredos, benfeitorias, em ambas margens do Rio Piranga”. (NEVES, 2015)

Apesar de os de Luanda são de zona urbana, os dados trabalhados por Alvarenga são da zona rural de Piranga. Espera-se que os dados de Piranga, pois, apresentem resultados que revelem a conservação de marcas mais antigas da história da formação desse município.

RESULTADOS

Na análise geral dos dados, cujos resultados apresentam-se, inicialmente, no Gráfico 1, entende-se que os dativos, em Luanda, são expressos nas três formas já mencionadas, sendo mais frequente o uso do clítico (60%), com 49 dados do total – 81 dativos. 24 dativos são sintagmas preposicionais, com as preposições *para*, *a*, *com* e *em*, com um percentual de 30%; e, com menor índice, o dativo se expressa com a forma sem a preposição (ou preposição zero), em 10% dos casos. Como se pode perceber, o apagamento da preposição em dativos não é uma ocorrência tão frequente em Luanda (Angola).



Diante de o interesse deste estudo ser a presença/ausência de preposições em dativos, excluíram-se os clíticos das análises estatísticas seguintes, centrando-se em Luanda a observação nos dativos expressos por sintagmas nominais com ou sem preposição.

Apesar do nosso interesse em fazer uma análise variacionista para entender o condicionamento da escolha de uma das variantes (dativo preposicionado ou não preposicionado), não foi possível diante do número de dados encontrados, que foi muito pequeno na amostra estudada. Os informantes, no *corpus* observado, por vezes restringiram-se a construções curtas, muitas vezes como respostas a algumas perguntas, o que resultou em poucas estruturas narrativas, com número pequeno de dativos. A análise, pois, se ressentiu de mais dados, o que pode ocorrer em estudos posteriores.

A seguir, busca-se a observação da relação entre o apagamento da preposição em dativos em Luanda e as variáveis <gênero do informante>, <escolaridade> e <faixa etária>, utilizando-se apenas das frequências de uso, diante das circunstâncias já mencionadas.

Na observação da tabela 1, percebe-se que, apesar dos poucos dados identificados, 45 do gênero feminino e 12 do masculino, em termos percentuais, as mulheres escolheram o apagamento da preposição em 15% das ocorrências e os

homens em 8%, mas parecem indicar que o gênero feminino encabeça o uso da variante sem preposição. Considerando-se que esses dados são de zona urbana, pode-se inferir que essa variante pode não ser estigmatizada. Esses resultados não dão oportunidade de se apresentar resultados conclusivos, pois a análise estatística envolveu apenas percentuais e com número pequeno de dados. A análise da variável escolaridade, aliada ao gênero, pode suscitar a apresentação de alguma inferência sobre a avaliação das variantes na comunidade estudada.

Tabela 1:

Apagamento de preposição em dativos e <Gênero> em Luanda

Sexo/Gênero	Preposição zero/total	%
Feminino	7/45	15%
Masculino	1/12	8%

A análise da escolaridade da relação entre a escolaridade do informante e o apagamento da preposição nos dativos chegou aos resultados apresentados na tabela 2. Embora se esperasse que o aumento na permanência escolar representasse mais presença prevista pela forma padrão (presença da preposição), nota-se que isso não ocorre nos dados analisados, que parecem indicar que não há estigma no apagamento da preposição nos dativos. Apesar de só contribuir com 3 dados, a faixa de 5 anos de escolarização apresentou 66% de apagamento da preposição em dativos; sem escolaridade 18% de apagamento; 1 ano de escolarização, 0%; 2 anos, 10%; escolaridade superior, 8%. Ou seja, esperava-se um *continuum* que revelasse uma relação direta entre pouca escolaridade e mais apagamento, mas isso não ocorreu. O quadro indica que o fenômeno não parece ser estigmatizado nas comunidade sob análise, por isso não demonstra ser alvo da preocupação escolar.

Tabela 2: Apagamento de preposição em dativos e <Escolaridade> em Luanda

Escolaridade	Preposição zero/total	%
0	3/16	18%
1	0/2	0%
2	2/22	10%
3	0/2	0%
5	2/3	66%
superior	1/12	8%

Apesar do pequeno número de dados, ao se estabelecer uma observação dos resultados da <escolaridade> e relacionando-se ao <gênero>, e ainda considerando-se que se trata de uma comunidade urbana, os resultados podem ser

interpretados como as mulheres encabeçando um uso não padrão, motivado por esse uso não ser estigmatizado. Para se ter uma ideia mais acertada dessa interpretação, tem-se que ter um conhecimento maior da comunidade, sobre a relação de ocupação e poder entre os gêneros, mas nesse texto não temos essas respostas.

A observação do apagamento da preposição dos nos três grupos etários, cujo resultado se apresenta na tabela 3, insinua uma certa indicação de mudança, que tem como explicação um apagamento maior na faixa etária 3 (20%), reduzindo na faixa etária 2 (14%), chegando a 0% entre os mais jovens. Esse quadro parece revelar que existe uma tendência de uso maior de preposição, crescente nos mais jovens, e que no futuro a tendência é uso geral dos dativos preposicionados.

Tabela 3:

Apagamento de preposições em dativos e <Faixa etária> em Luanda

Faixas	Preposição zero/total	%
F1	0/5	0%
F2	6/42	14%
F3	3/10	20%

Com o objetivo de buscar entender o português brasileiro, este texto faz um confronto entre os resultados aqui encontrados, de apagamento nos dativos em Luanda, com os achados desse mesmo fenômeno em Piranga/MG (ALVARENGA, inédito). A tabela 4 faz uma apresentação comparativa entre os resultados gerais obtidos nas duas comunidades.

A comparação feita revela que o apagamento da preposição em dativos é muito mais frequente em Piranga/MG (49%) que em Luanda (10%). Outro aspecto a observar é que os clíticos, frequentes em Luanda (60%), são quase inexistentes em Piranga (2%).

Tabela 4:

Variação na realização de dativos: comparação entre Luanda e Piranga/MG (ALVARENGA, inédito)

	Preposição zero		Para/A/Com/Em		Clíticos	
Luanda	8/81	10%	24/81	30%	49/81	60%
Piranga	40/83	49%	41/83	49%	2/83	2%

Ao considerar a possibilidade de que a observação de Luanda poderia trazer mais dados de apagamento, e que essa teria sido a base do português chegado

ao Brasil nos seus primórdios parece não se confirmar. Pode-se, por outro lado, lembrar que os dados de Luanda são urbanos e os de Piranga são rurais, por isso mais conservadores, daí traços adquiridos a partir do contato com línguas africanas em fases anteriores podem ter sido mantidos.

Enquanto isso, em Angola, a presença portuguesa se manteve até o século XX, quando, na década de 70, mais de meio milhão de cidadãos portugueses deixaram Portugal durante a descolonização dos antigos territórios ultramarinos em África. (MACHADO, 2014)

Dessa forma, pode-se entender a razão de determinados traços do português europeu serem encontrados em Luanda, diferentes dos encontrados em ex-colônias portuguesas que aprenderam o português em contato com línguas africanas diversas, como em algumas regiões brasileiras. A expressão do dativo português com o apagamento da preposição, que é um fenômeno que se encontra mais presente em Piranga, diferente da variante mais utilizada em Luanda, pode ter essa explicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado revelou que a realização dos dativos é variável em Angola e em Piranga/MG.

Em Angola, é frequente o uso do clítico nos dativos (60%). Em Piranga/MG, o uso do clítico é raro nos dativos (2%), sendo frequente a preposição [Ø] (49%), ou seja, a ausência da preposição nos dativos; em Angola a preposição [Ø] nos dativos é relativamente rara (10%).

A comparação feita entre os dados do português de Luanda e de Piranga dá indícios de estar em acordo com a hipótese de Nascimento (2009), uma vez que ele não vê influência africana no apagamento da preposição (ou preposição [Ø]) nos dativos, e defende que a origem dessa variação pode estar em fases “mais arcaicas” do português.

Deve-se, no entanto, considerar a presença portuguesa em Luanda até o período recente, que pode ter dado uma maior aproximação linguística dos luandenses ao português europeu; diferente da comunidade de Piranga, cujos dados observados são de uma comunidade rural, por isso mais conservadora.

A continuidade de estudos desse fenômeno deve ocorrer para buscar respostas mais consistentes sobre o fenômeno no português brasileiro, em comparação com o português no continente africano, com novos dados, em que a fala registrada ocorra em narrativas mais livres que as estudadas nessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Mônica A. & CHAVES, Elaine. (org.) **Corpus de Piranga**. Universidade Federal de Ouro Preto, Departamento de Letras. Mariana. Disponível no Portal Min@s. (<http://150.164.100.248/núcleos/nepuvar/ddownloads>)

ALVARENGA, Viviane S. **O apagamento da preposição em complementos indiretos de verbos bitransitivos, na fala popular de Piranga**. Salvador: UNEB, 2015. (Apresentação oral no SIP 2015/UNEB Salvador). Inédito.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARROS, Ísis. **A variação nas construções dativas no dialeto de Helvécia (BA)**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNIME, Lauro de Freitas. (Inédito)

CAVALCANTE, Rerisson; FIGUEIREDO, Cristina. Complementos verbais diretos e dativos. In LOBO, T.; OLIVEIRA, K. (org.) **África à vista**: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX [*online*]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 90-137.

CPLP. [Angola, cooperação, gestão da terra. 2016. \(http://www.fao.org/tc/cplpunccd/paginas-nacionais/angola/en/. Acesso em 22/03/2016\)](http://www.fao.org/tc/cplpunccd/paginas-nacionais/angola/en/)

FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo. Comunicação apresentada ao II Congresso da ALFAL, São Paulo, 1969. In FERREIRA et al. **Diversidade do português do Brasil**. 2 ed. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008. [Publicado inicialmente em 1963]. [Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972].

LOPES, Norma da Silva. **A fala baiana em destaque**: a concordância nominal no português de Salvador. München: Peniope, 2011 (Études Linguistiques/Linguistische studien, Band 6).

LUCCHESI, Dante. A questão da formação do português popular do Brasil: um estudo de caso. **A cor das letras**, Feira de Santana, n. 3 (edição especial), p. 73-100, 2001.

MACHADO, Alleid Ribeiro. Adeus Luanda: um breve olhar sobre 'O retorno, de Dulce Maria Cardoso'. **Nau Literária**: crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre: PPG-LET-UFRGS. Vol. 10, N. 02, p. 26/41, jul/dez 2014.

NASCIMENTO, André Marques do. Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com as origens do português brasileiro. **Revista Domínios da Linguagem**. Ano 3, n2, Semestre 2 de 2009.

NEVES, Thiago Dias. **A história e a cultura piranguense**. <http://www.piranga.com.br/historia/index.htm> (acesso em 03/11/2015, às 13:49h)

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 18^a edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

TEIXEIRA, Eliana Pitombo. **Em busca das raízes do português brasileiro**. Projeto financiado pela FAPESB/UEFS e pela FAPESP. Período 2008-2013.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

LOPES, Norma da Silva; DE SOUZA, Constância Maria Borges; ALVARENGA, Viviane S. Os dativos em luanda (angola) e em piranga (minas gerais). **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 61-72, 2016.

Recebido: 31.01.2016

Aprovado : 25.04.2016